

3 JOÃO

ÍNDICE

3 JOHN

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Third Letter of John

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE

Prefácio

Introdução Geral

Introdução à Segunda e Terceira de João

Capítulo 1

PREFÁCIO ÀS CARTAS DE JOÃO E JUDAS

As Cartas de João são da maior importância pela luz que lançam sobre o pensamento e a teologia do Novo Testamento, e pela informação que proporcionam sobre a organização da Igreja em seus primeiros tempos. E há poucos livros que mostram com maior clareza os perigos das heresias e das correntes de pensamento errôneas que brotavam dentro da Igreja mesma.

Embora não há muitos Comentários excepcionais sobre estas Cartas, os que existem são de primeira categoria. Há comentários sobre o texto grego. O de A. E. Brooke no *International Critical Commentary* é um tesouro de informação. O de B. F. Westcott nos Comentários Macmillan é caracterizado por sua original combinação de precisão erudita e cálida devoção. Há comentários sobre o texto inglês. O de A. Plummer no *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, embora de antiga data, já que foi publicado em 1883, segue sendo um contributo com excelente e de soma utilidade.

Contudo, a contribuição sobressalente sobre estas Cartas é aquela que escreveu C. H. Dodd no *Moffat Commentary*. É, sem lugar a dúvida, um dos melhores Comentários na língua inglesa, mesmo quando se baseia no texto inglês e não sobre o texto grego. Teria resultado fastidioso detalhar cada uma de minhas dívidas a C. H. Dodd; só posso dizer aqui e agora que dificilmente haja uma página deste livro que não lembre uma dívida para com ele.

Pode ser que as Cartas de João não figurem entre os livros mais lidos do Novo Testamento. É minha esperança e minha súplica que este Comentário consiga fazer ver freqüentemente o valor que encerra e sua relevância.

A breve Carta de *Judas* é um livro muito pouco conhecido. Está em estreita ligação com 2 Pedro, visto que esta em grande medida se apóia nela e a contém. É uma Carta muito difícil de entender, inclusive para os eruditos da Bíblia, já que transcorre num âmbito de pensamento e representações totalmente diferente. Toma muito de seu pensamento, imagens e ilustrações, não do Antigo Testamento mas sim dos livros que foram escritos entre o Antigo e o Novo Testamento, livros virtualmente desconhecidos para nós mas imensamente populares em seus próprios dias. Por essa razão em várias oportunidades foi necessário dedicar-lhe muito espaço, e deve ser lido em estreita relação com 2 Pedro. Mas estou seguro de que o esforço mental de lê-lo à luz do anterior valerá a pena.

Judas usualmente é estudado não em forma isolada mas sim conjuntamente com 1 e 2 Pedro. No *International Critical Commentary* os três livros são estudados em conjunto por C. Bigg. No *Moffatt Commentary* é incluído no volume *The General Epistles*, preparado pelo próprio James Moffatt. Mais uma vez as três Cartas são tratadas em conjunto por E. H. Plumptre no *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*. O mais extenso Comentário sobre ela aparece no volume de J. B. Mayor sobre 2 Pedro e Judas nos Comentários Macmillan. No *The Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges* há um breve e excelente trabalho de M. R. James.

Se Judas tiver sido esquecido, foi injustamente, porque há poucos livros no Novo Testamento que, adequadamente compreendidos, mostram mais vividamente os riscos das falsas doutrinas e do ensino ético errado que ameaçavam a Igreja primitiva.

Espero que este livrinho capacite a seus leitores para compreender melhor a Judas, e assim valorizá-lo como é devido.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
março de 1960.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros

do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO À SEGUNDA E TERCEIRA DE JOÃO

A própria brevidade destas duas pequenas Cartas é a melhor garantia de sua genuinidade. São tão concisas e, relativamente tão pouco importantes, que ninguém se preocupou de inventá-las nem de atribuir-lhe a João. Uma folha de papiro de tamanho comum media ao redor de vinte por vinte e cinco centímetros, e a longitude destas Cartas ocuparia quase exatamente uma folha cada uma.

O ancião

Tanto de uma como de outra, diz-se que provêm de "O ancião" (Trad. Reina-Valera). 2 João começa: "O ancião à senhora eleita e aos seus filhos." 3 João começa: "O ancião a Gaio, o amado." É difícil que se trate de um título oficial ou eclesiástico. Anciãos eram os oficiais que eram atribuídos às congregações, e cuja jurisdição certamente não se estendia mais além da congregação sobre a qual exerciam seu ministério, enquanto que o autor destas Cartas certamente assume o direito de falar não só em sua congregação, mas também em outras onde não está presente em pessoa. Fala como quem tem autoridade para toda a Igreja. A palavra é *presbyteros*, e originariamente significou *um homem de idade, um ancião*, não num sentido oficial mas no literal do termo. Procedemos corretamente se o traduzirmos por ancião, ou *O mais velho*, títulos que não surgem de uma disposição ou hierarquia oficial mas sim

da própria personalidade, idade e autoridade que o escritor manifesta através de suas Cartas.

Sabemos que em Éfeso vivia um ancião João que tinha uma posição muito especial e única. Nos dias da Igreja primitiva existiu um tal Papias, que viveu de 70 a 146 d.C Sua paixão foi recolher toda informação que poderia chegar a suas mãos a respeito dos primeiros tempos da Igreja. Não era um professor famoso; Eusébio refere-se o Papias como "um homem de pouca preparação". Mas nos transmitiu informação extremamente interessante. Chegou a ser bispo do Hierápolis, mas se manteve sempre em estreita conexão com Éfeso, e nos conta seus novos métodos para seguir recebendo informações. Frequentemente utiliza o termo *ancião* neste sentido de *um dos Pais da Igreja*, e menciona um *ancião* particularmente distinto cujo nome era João. Diz Papias:

"Não duvidarei em lhes contar junto com minhas próprias interpretações, qualquer das coisas que tenho aprendido e lembrado cuidadosamente em todo momento dos *anciãos*, garantindo sua verdade. Porque não me entusiasmo, como a multidão, com aqueles que falam muito, mas com os que ensinam a verdade; não com os que relatam mandamentos estranhos, mas com aqueles que discernem os mandamento que o Senhor lhes deu mediante a fé, e provêm da mesma fé. De maneira que se chegava alguém que dizia que tinha sido discípulo dos *anciãos*, interrogavam-no com relação às palavras dos *anciãos* — o que André ou Pedro haviam dito ou o que haviam dito Filipe ou Tomé ou Tiago ou João ou Mateus ou qualquer dos outros discípulos do Senhor; e as coisas que diz Aristeu ou o *Ancião João*. Porque não creio que o que vem dos livros me beneficie mais que o que vem da voz viva e permanente."

É evidente que o *Ancião João* era um personagem notável em Éfeso, ainda que evidentemente é distinto de João o apóstolo.

Deve ser este João quem escreveu estas duas pequenas Cartas. Por seu nome, trata-se certamente de um homem de idade, o ancião João. É um dos últimos elos sobreviventes com Jesus e seus discípulos. Foi um homem com autoridade de bispo em Éfeso e nas localidades adjacentes; e quando compreendeu que sua Igreja estava ameaçada por heresias e

distúrbios, escreveu para exortar com amoroso carinho a seus paroquianos. Aqui estão as Cartas de um ancião santo, um dos últimos da primeira geração de cristãos, um homem a quem todos amaram, a quem todos respeitaram.

Um mesmo autor

Não há dúvida alguma de que as duas Cartas pertencem a um mesmo autor. Curtas como são, têm muito em comum. 2 João começa: "O ancião à senhora eleita e aos seus filhos, a quem eu amo na verdade." 3 João começa: "O ancião a Gaio, o amado, a quem eu amo na verdade." 2 João continua: "Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade" (versículo 4); e 3 João prossegue: "Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade" (versículo 4). 2 João finaliza: "Ainda tinha muitas coisas que vos escrever; não quis fazê-lo com papel e tinta, pois espero ir ter convosco, e conversaremos de viva voz, para que a nossa alegria seja completa" (versículo 12). 3 João finaliza assim: "Muitas coisas tinha que te escrever; todavia, não quis fazê-lo com tinta e pena, pois, em breve, espero ver-te. Então, conversaremos de viva voz" (versículos 13 e 14). Há a mais estreita similitude possível entre estas duas Cartas.

Há, além disso, a mais estreita relação possível entre as situações destas duas Cartas e a de 1 João. Em 1 João 4:3 lemos: "E todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo." Em 2 João 7 lemos: "Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo."

Não há dúvida que 2 e 3 João estão estreitamente conectadas entre si, e que ambas estão em estreita conexão com 1 João. Tratam com a mesma situação, os mesmos perigos, e as mesmas pessoas.

O problema da Segunda Carta

Estas duas pequenas Cartas nos confrontam com uns poucos problemas sérios. O único verdadeiro problema é decidir se a Segunda Carta foi enviada a uma pessoa ou a alguma Igreja. O começo da Segunda Carta: "O ancião à senhora eleita e aos seus filhos", expõe o problema central da expressão *a senhora eleita*. O grego é *eklekté kyria*. Há três respostas prováveis a nosso problema.

(1) É tão somente possível, ainda que não pode dizer-se que seja provável, que *Eklekté* seja um nome próprio, e *kyria* uma maneira afetuosa de dirigir-se a ela. A palavra *kyrios* (a forma masculina) tem muitos significados. Frequentemente significa *senhor*; significa *amo* de escravos e *proprietário* de posses. E numa acepção muito mais alta, *Senhor*; esta é a palavra usada frequentemente para referir-se a Jesus. Na correspondência, esta palavra *kyrios* tem um uso muito particular. É virtualmente o equivalente da expressão *Querido*. Assim, um soldado escrevia a sua casa com esta fórmula: *Kyrie mou pater*, Querido pai, como dizemos usualmente. Nas cartas, *kyrios* é um cabeçalho que combina carinho e respeito. Seria possível, pois, que esta Carta tivesse sido dirigida a *Minha querida Eklekté*.

Rendel Harris, em realidade, chegou a dizer que 2 João não era outra coisa senão uma carta de amor cristão. Isto é improvável, como veremos, por mais de uma razão. Mas uma coisa é decisiva contra isso. 2 João finaliza: "Os filhos da tua irmã eleita te saúdam." Agora, mais uma vez a palavra em grego é *eklekté*; e se se tratasse de um nome próprio no começo da Carta, também deveria sê-lo na terminação da Carta. De ter sido assim, teríamos que aceitar que houve duas irmãs, ambas chamadas com o nome muito incomum *Eklekté*, o que resulta impossível.

(2) Na frase *eklekté kyria*, seria possível tomar *Kyria* como nome próprio, já que havia pessoas chamadas desta maneira. De modo que deveríamos tomar *eklekté* em sua acepção comum no Novo Testamento; e a Carta estaria então dirigida à *eleita Kyria*.

São três as objeções contra esta solução.

(a) Parece improvável que qualquer indivíduo em particular pudesse ser invocado como amado por todos aqueles que tinham conhecido a verdade (versículo 1).

(b) O versículo 4 diz que João se alegrava quando encontrava a alguém de seus filhos andando na verdade; infere-se que outros não andavam dessa "maneira, o que parece implicar um número maior de pessoas que o de uma só família.

(c) Mas a objeção decisiva é que ao longo da Carta a *eklekté kyria*, a senhora eleita, é invocada às vezes em singular e às vezes em plural. Ocorre em singular nos versículos 4, 5 e 13; e em plural nos versículos 6, 8, 10 e 12. É virtualmente impossível que o autor se dirigisse desta maneira a uma só pessoa.

(3) Por tudo o que se disse, pois, chegamos à conclusão de que a frase *a senhora eleita* refere-se à *Igreja*. Há, de fato, boas evidências em favor do uso dessa expressão. 1 Pedro, finaliza com saudações de "a Igreja que está em Babilônia, escolhida junto com vós" (1 Pedro 5:13). O grego diz literalmente: "a escolhida em Babilônia", e *a Escolhida* é feminino. Sempre houve muito poucos que duvidassem de que a expressão se referisse à *Igreja que está em Babilônia*, e desta maneira também devemos tomá-la na Carta de João. Sem dúvida, a expressão *a senhora eleita*, usada com referência à Igreja, leva-nos a idéia da Igreja como a Esposa de Cristo. E já estamos totalmente seguros de que 2 João foi enviada, não a um indivíduo, mas sim a uma Igreja.

O problema da Igreja primitiva

Segunda e Terceira João revestem muita importância e interesse porque arrojam luz sobre um problema que mais cedo ou mais tarde teria que surgir na organização da Igreja primitiva. Vejamos se podemos reconstruir essa situação. É evidente que o ancião se considera com direito de agir de guia e conselheiro e para administrar advertências e

exortações àquelas Igrejas cujos membros são seus filhos. Em 2 João escreve daqueles que andam na verdade (versículo 4), e por implicação infere que há outros que não vivem da mesma maneira. Esclarece, além disso, que há mestres itinerantes no distrito, alguns dos quais estão pregando doutrinas errôneas e perigosas, e lhes ordena que semelhantes mestres não sejam aceitos e não recebam hospitalidade (versículos 7-11). Aqui, pois, João está exercitando o que é um direito de repartir ordens a suas Igrejas, e procura preveni-las contra uma situação na qual podem chegar em qualquer momento os mestres mentirosos.

O pano de fundo de 3 João é um tanto mais complexo. A Carta está dirigida a uma pessoa com o nome de Gaio, cujo caráter e ações João aprova sobremaneira (versículos 3-5). Missionários itinerantes chegaram à Igreja como colaboradores da verdade, e Gaio lhes brindou uma hospitalidade realmente cristã (versículos 6-8).

Na mesma Igreja há outro homem chamado Diótrefes, a quem gosta de ter o primeiro lugar (versículo 9). Diótrefes é descrito como um personagem ditatorial que quer exercer sua autoridade sem rivais. Negou-se a receber e hospedar aos missionários cristãos, e de fato procurou jogar da Igreja àqueles que recebiam os missionários. Não quer saber nada com os mestres itinerantes mesmo quando estes sejam verdadeiros pregadores da Palavra (versículo 10).

Depois João introduz em seu relato a um tal Demétrio, um homem excelente segundo seu testemunho (versículo 12). Demétrio deve ter sido líder de algum desses grupos missionários, que estava em marcha rumo à Igreja a qual escreve João. Diótrefes certamente não quererá ter nada que ver com eles e tratará de escutar àqueles que os recebam.

E João escreve a Gaio para lhe pedir que receba os mestres missionários, sem temer a Diótrefes, com quem ele (João) quer conversar pessoalmente quando puder ir (versículo 10). Toda a situação gira em torno dos missionários ambulantes. Gaio os recebeu antes, e João insiste com ele a que volte a fazê-lo, e também a seu líder

Demétrio. Diótfrefes se negou a recebê-los, e lhes fechou a porta, desafiando a autoridade do ancião João.

O tríplice ministério

Tudo isto apresenta uma situação infeliz, como realmente o era. Não obstante, era uma situação que devia surgir. Pela natureza das coisas na Igreja tinha que surgir o problema do ministério. Nos primeiros tempos da Igreja houve três diferentes tipos de ministérios.

(1) Havia os *apóstolos*. Estes eram posicionados acima de outros, acompanharam a Jesus e foram testemunhas da ressurreição. Eram os líderes indiscutidos da Igreja. Seu ministério e autoridade não estava limitado a um lugar em particular; seus direitos eram exercidos através de toda a Igreja; em qualquer país e em qualquer congregação seu ministério era supremo.

(2) Havia os *profetas*. Estes não eram atribuídos a nenhuma congregação em especial. Eram pregadores itinerantes, que iam aonde o Espírito os levasse, com a mensagem que o Espírito lhes dava. Tinham renunciado a seus lares e tarefas, e às comodidades e a segurança de uma vida estabelecida para ser missionários que levavam a mensagem de Deus. Eles também ocupavam um lugar muito importante nas congregações. A *Didaquê*, ou *Doutrina dos Doze Apóstolos*, é o primeiro livro de disciplina eclesiástica. Em suas páginas se esclarece a posição única dos profetas. Traz liturgias para a Eucaristia e orações. O serviço termina com a oração de ação de graças, transcrita em sua totalidade; e então aparece a frase: "Mas aceitem que os profetas dêem graças tanto quanto eles queiram" (*Didaquê* 10:7). Os profetas não estavam submetidos às regras e preceitos que governavam o povo comum. Assim, pois, a Igreja dispunha de dois grupos de pessoas cuja autoridade não estava confinada a alguma congregação em especial, e que tinham o direito de entrar em qualquer congregação e em todas.

(3) O terceiro tipo de ministério era o dos *anciãos*. Parte da tarefa de Paulo e Barnabé durante sua primeira viagem missionária foi ordenar *anciãos* em todas as Igrejas locais que eles fundavam (Atos 14:23). Os anciãos eram os dirigentes das comunidades estabelecidas; sua tarefa estava dentro de sua congregação, e não se afastavam dela. Não eram ambulantes nem itinerantes, estabeleciam-se definitivamente num lugar e, em conseqüência, evidentemente constituíam a coluna vertebral da organização da Igreja primitiva. Deles dependiam a tarefa rotineira e a solidez de cada congregação.

O problema dos pregadores itinerantes

A posição dos apóstolos não apresentava nenhum problema real; eram únicos, e sua posição nunca poderia ser realmente discutida. Mas os profetas e os pregadores ambulantes constituíam um problema. Sua posição se prestava a abusos. Tinham um prestígio enorme; e era possível que as pessoas mais indesejáveis adotassem um tipo de vida o que lhes permitia ir de lugar em lugar vivendo comodamente às custas das congregações locais. Um indivíduo ardiloso poderia passar uma boa vida como profeta itinerante. Até os satíricos pagãos viam esta possibilidade.

Luciano, um escritor grego, em seu livro chamado o *Peregrinus*, retrata um homem que tinha encontrado a maneira mais cômoda de viver sem trabalhar. Era um enganador itinerante que nadava na abundância percorrendo as comunidades de cristãos, e detendo-se onde queria, levando uma vida de luxo a seus gastos. Este abuso até os pagãos o perceberam. A *Didaquê* viu com clareza este perigo, e estabeleceu uma série de normas para enfrentá-lo. Estas normas são muitas, mas arrojam uma luz tão esclarecedora sobre a vida da Igreja primitiva, que merecem transcrever-se em sua totalidade (*Didaquê* 11 e 12).

Recebam a qualquer um que chegue até vós para vos ensinar essas coisas já mencionadas. Mas se o próprio mestre vos ensina outras doutrinas para vos perverter, não os escutem. Mas se for para o crescimento da justiça e do conhecimento do Senhor, recebei como ao Senhor. E no referente aos apóstolos e profetas, de acordo com o mandato do evangelho, assim fazei vós. Que todo apóstolo que chega a vós seja recebido como o Senhor. E que fique um dia e, se precisar, o seguinte também; mas se ficar três, é um falso profeta. E quando o apóstolo partir, que nada leve senão pão, até que chegue à sua estalagem; mas se vos pede dinheiro, o tal é um falso profeta. E não tenteis julgar a todo profeta que vos fale no Espírito, porque todo pecado será perdoado, mas este pecado não o será. Porém nem todo que fale no Espírito é um profeta, mas sim aquele que tem as maneiras do Senhor. Por suas maneiras, pois, serão conhecidos o profeta e o falso profeta. E nenhum profeta que ordene uma comida no Espírito come dela, ou é um falso profeta. E todo profeta que ensina a verdade, e não faz o que ensina, é um falso profeta... Qualquer um que diga no Espírito: dai-me dinheiro, ou qualquer outra coisa, não o escuteis; mas se vos pede que lhe dêem para outros que estão em necessidade, que ninguém o julgue.

Todo aquele que chega em nome do Senhor seja recebido, e logo, quando o tiverem provado, sabereis, porque tereis entendimento para distinguir entre a mão direita e a esquerda. Se aquele que vos chegar um forasteiro, ajudai no que possais; mas não se ficar entre vós mais de dois ou três dias, a menos que seja necessário. Mas se insistir em ficar entre vós, e é um artesão, deixai-o trabalhar e comer. Mas se não tem ofício, lembrai-vos do que aprendestes, segundo nosso juízo, cuidai para que não viva ocioso entre vós, se for um cristão. Mas se ele não quer fazer isto, é um traficante de Cristo: dos tais cuidai-vos.

A *Didaquê* constrói uma série de palavras compostas, como *traficante em Cristo*, *aproveitador em Cristo*, etc, para descrever este tipo de pessoas.

A passagem citada mostra vividamente o verdadeiro problema dos mestres ambulantes. João tinha razão ao proceder desta maneira, ao advertir os crentes que essa classe de profetas ambulantes podiam aparecer pedindo hospitalidade. Também tem razão quando pede que não os receba por nenhum motivo. Não há dúvida de que nos primeiros

tempos da Igreja estes pregadores e profetas causavam grandes problemas. Alguns deles eram hereges, ainda que estivessem sinceramente convencidos do que ensinavam. Outros não eram mais que pessoas ardilosas que tinham encontrado uma maneira fácil de viver comodamente. Este é o quadro que há por trás de 2 João.

O choque de ministérios

Mas a situação que transcreve 3 João é, em certo sentido, ainda mais delicada. A figura problemática é Diótrefes. É o homem que não quer fazer absolutamente nada pelos mestres ambulantes, que lhes fecha as portas, e que busca expulsar a qualquer dos irmãos que abra seu lar aos missionários. É o homem que se nega a aceitar a autoridade de João, e a quem João descreve como de uma personalidade despótica. Mas há muito mais por atrás deste conflito evidente. Não era uma tormenta num copo de água. Era uma fenda fundamental. Era o choque entre os ministérios local e itinerante. Claro que toda a estrutura administrativa da Igreja dependia de um forte ministério localizado. Quer dizer, a mesma autêntica vitalidade da Igreja dependia de que houvesse um corpo de anciãos forte e autoritário.

Com o transcurso do tempo, o ministério local tinha que ressentir-se em face do controle remoto até de alguém tão famoso como o próprio ancião João; e se sentiria ofendido diante das muito possíveis e trastornadoras invasões de profetas ambulantes e evangelistas itinerantes. Não era impossível que por boas que fossem suas intenções, esses evangelistas e profetas itinerantes fizessem mais mal que benefício às Igrejas locais. Esta é a situação por trás de 3 João. João representa o antigo controle apostólico; Demétrio e seus seguidores representam aos pregadores e profetas ambulantes; Diótrefes representa o ministério estabelecido, e os anciãos locais, que querem dirigir suas próprias congregações, e que vêm nos pregadores itinerantes prováveis intrusos

perigosos. Gaio representa ao bom, ao homem bom no sentido da palavra, que se rasga no conflito e não pode conciliar suas posições.

O que ocorreu neste caso, não sabemos. Mas o fim da questão na Igreja foi que os pregadores itinerantes desapareceram da cena, e os apóstolos, naturalmente, passaram deste mundo, e o ministério estabelecido se constituiu no ministério da Igreja.

Em certo sentido, o conflito entre o evangelista itinerante e o ministério estabelecido ainda não foi totalmente resolvido na Igreja; mas estas duas breves Cartas constituem-se no mais fascinante interesse porque nos mostram a organização da Igreja num período de transição, quando o choque entre os ministérios itinerante e estabelecido começa a suscitar-se. E, quem sabe? Talvez Diótrefes não fosse tão mau como é pintado, e pode não ter estado totalmente equivocado.

3 João 1

[A alegria do mestre - 1-4](#)

[A hospitalidade cristã - 5-8](#)

[Os aventureiros cristãos - 5-8 \(cont.\)](#)

[A apelação do amor - 9-15](#)

A ALEGRIA DO MESTRE

3 João 1-4

Terceira João é uma Carta muito breve, e em todo o Novo Testamento não há nenhuma outra que mostre melhor a forma em que se redigiam as cartas naqueles tempos, sobre a base de um modelo conhecido. Há uma carta escrita sobre papiro, de Irineu, capitão de um barco, a seu irmão Apolinário:

Irineu a seu irmão Apolinário: saudações. Continuamente suplico que estejas bem de saúde, assim como eu estou bem. Quero que saibas que cheguei a porto no dia 6 do mês do Epeif, e terminei de descarregar meu

barco no dia 18 do mesmo mês, e parti para Roma no dia 25 do mesmo mês, e nos receberam bem, como Deus quis. Diariamente aguardamos para descarregar, de maneira que até agora nenhum de nós do serviço de grãos foi autorizado a sair. Muitas saudações para a tua esposa, e para Sereno, e a cada um dos que te amam. Adeus.

A forma da carta de Irineu é exatamente a mesma que a de João. Primeiro há uma saudação. Em seguida, o rogo por boa saúde. Logo, o corpo principal da carta, que inclui notícias e informações. E saudações finais, nos quais, até na Carta de João, repete-se a instrução de saudar a cada pessoa em particular. Na época da Igreja primitiva, as cartas não eram solenes, frias, eclesiásticas: eram precisamente a classe de cartas que as pessoas costumavam enviar-se frequentemente.

João escreve a um amigo chamado Gaio. No mundo do Novo Testamento, Gaio era o mais comum de todos os nomes. Através de suas páginas, aparecem três pessoas chamadas Gaio. Um é Gaio o macedônio, quem junto com Aristarco estava com Paulo durante o alvoroço em Éfeso (Atos 19:29). Outro é o Gaio de Derbe, que foi delegado de sua congregação para levar consigo a oferta aos pobres de Jerusalém (Atos 20:4). Logo vem o Gaio de Corinto que tinha recebido em sua casa a Paulo, e que era tão hospitaleiro que chegou a ser conhecido como o “meu hospedeiro [de Paulo] e de toda a igreja” (Romanos 16:23), e um dos pouquíssimos que Paulo batizou pessoalmente (1 Coríntios 1:14) e que, segundo a tradição, chegou a ser o primeiro bispo de Tessalônica. Como dissemos, Gaio era um nome muito comum no mundo antigo; e não existe razão alguma para identificar necessariamente a nosso Gaio com qualquer dos outros três mencionados.

Segundo a tradição, este Gaio foi mais tarde ordenado bispo de Pérgamo pelo mesmo João. Aqui se nos descreve isso como um homem sempre disposto e sempre preparado a oferecer seu lar. Em duas ocasiões, nos primeiros dois versículos de sua pequena Carta, João usa a palavra *amado* (*agapetos*). Neste grupo de Cartas João utiliza a palavra *agapetos* não menos de dez vezes. É um fato realmente notável. Estas

Cartas são severas; são Cartas de advertência e repreensão, e contudo põem a ênfase no amor.

Um grande erudito e famoso pregador aconselhava: "Nunca xinguem a sua congregação."

Mesmo quando tem o que reprovar, jamais o tédio e a irritação tingem as palavras de João. Em suas Cartas sempre se respira amor.

O versículo 2 nos mostra o compreensivo cuidado de um pastor bom e consagrado. João está preocupado tanto pela saúde física como pela saúde espiritual de Gaio. Procedia como Jesus: nunca esquecia que os homens têm corpo além de alma; e que a saúde física dos homens interessa tanto quanto a saúde espiritual da alma aos cuidados de um pastor genuíno.

No versículo 4, João nos fala da maior alegria que pode ter um mestre. Esta consiste em ver seus discípulos andar na verdade. A verdade não é algo que deve assimilar-se apenas com o intelecto; é o conhecimento que enche a mente do homem, e a caridade que adorna sua vida. A verdade é aquilo que faz com que a pessoa pense e aja como pensa e age Deus.

A HOSPITALIDADE CRISTÃ

3 João 5-8

Aqui chegamos ao propósito principal da Carta. Um grupo de missionários itinerantes está no caminho rumo à Igreja a qual pertence Gaio, e João pede a ele que os receba, dê-lhes todo tipo de cuidados e os encaminhe como é digno de sua responsabilidade cristã.

No mundo antigo a hospitalidade constituía um dever sagrado. Os estrangeiros estavam sob a proteção de Zeus Xênios, o deus dos estrangeiros (*Xenos* é o termo grego para *estrangeiro*). No mundo antigo as pousadas deixavam muito a desejar. Os gregos não se compraziam instintivamente em cobrar pela hospitalidade, e portanto a profissão de hospedeiro era considerada socialmente muito baixa. As pousadas eram

notavelmente sujas e infestadas de pulgas. Os hospedeiros eram notavelmente trapaceiros, a tal ponto que Platão os comparava com piratas que tinham a suas hóspedes como reféns, antes de deixá-los escapar. O mundo antigo tinha um sistema de *irmandade de hóspedes*, pelo qual famílias de diferentes lugares do país davam mutuamente alojamento a seus respectivos membros. Esta hospitalidade familiar perdurou durante muitas gerações, e aquele que a solicitava, mostrava um *símbolo*, ou *objeto*, que o identificava perante seus anfitriões. Nas cidades maiores, as cidades mais pequenas mantinham um funcionário denominado *Proxenos* a quem seus concidadãos, quando estavam de passagem, iam para obter albergue e ajuda.

Se os pagãos reconheciam a obrigação da hospitalidade, era de esperar-se que os cristãos tomassem ainda mais a sério. Lembremos a recomendação de Pedro: “Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração” (1 Pedro 4:9). “Não se esqueçam da hospitalidade”, diz o autor da Carta aos hebreus, e logo acrescenta: “foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos” (Hebreus 13:2, NVI). Nas epístolas pastorais, uma viúva deve ser honrada “se exercitou hospitalidade” (1 Timóteo 5:10). Paulo roga aos romanos que “praticai a hospitalidade” (Romanos 12:13).

A hospitalidade devia especialmente caracterizar os líderes da Igreja. Um bispo devia ser uma pessoa disposta a hospedar (1 Timóteo 3:2). Tito é chamado a ser “hospitaleiro” (Tito 1:8). Quando nos aproximamos da época de Justino Mártir (170 d.C.) encontramos que no Dia do Senhor os acomodados contribuía conforme a sua vontade, e o presidente da congregação tinha o dever de “socorrer os órfãos e as viúvas, e àqueles que por enfermidade, ou por qualquer outra causa, padeçam necessidade, e aqueles que estão presos, e aos forasteiros que estão temporariamente entre nós” (Justino Mártir, *Primeira Apologia*, 1:67).

Na Igreja primitiva, o lar cristão era, como deveria sê-lo sempre, o lugar de portas abertas e amorosas boas-vindas. Não há mais nobre

ministério do que acolher a um forasteiro no lar cristão. O círculo familiar deveria sempre ser amplo o suficiente para dispor de um lugar para o estrangeiro, não importa de onde venha nem de que raça seja.

OS AVENTUREIROS CRISTÃOS

3 João 5-8 (continuação)

Além disso, esta passagem nos fala dos missionários itinerantes. Estes eram pregadores que tinham deixado lar e comodidades para levar a palavra de Deus aonde eles fossem.

No versículo 7, João diz que eles tinham saído por amor do Nome de Cristo, sem aceitar nenhuma ajuda dos pagãos. (É possível que o versículo 7 se refira àqueles que tinham vindo dos pagãos, sem ter recebido nada deles, aqueles que em nome do evangelho tinham deixado suas tarefas e seus amigos, e que não tinham meios de vida.) No mundo antigo, o "frade mendicante", com seu "alforje", era uma figura muito conhecida. Há um relato, por exemplo, de um homem que dizia ser "escravo da deusa Síria", que ia mendigando, e que dizia que jamais havia tornado com menos de setenta bolsas de dinheiro para sua deusa. Mas aqueles missionários cristãos gentios não receberiam nada dos gentios, mesmo quando estes tivessem querido dar-lhes alguma coisa.

João encomenda à hospitalidade de Gaio esses aventureiros e viajantes da fé. Diz que é um dever ajudá-los, porque dessa maneira nos mostramos cooperadores da verdade (versículo 8).

Moffatt traduz esta passagem com muita plasticidade: "Temos que ajudar a tais homens, para demonstrar que somos amigos da verdade."

Aqui há uma grande idéia cristã. As circunstâncias de uma pessoa podem ser tais que a impeçam de torna-se missionário ou evangelista. A vida pode tê-lo obrigado a uma posição onde deva limitar-se a uma tarefa secular, onde deva permanecer num determinado lugar, e suportar a rotina diária e assim viver. Mas aonde ele não pode chegar, podem chegar suas orações e suas ofertas e seu apoio prático; e se ele presta

esse apoio transforma-se num aliado da verdade. Nem todos podem estar, por assim dizer, na vanguarda; mas todos podem colaborar com aqueles que vão adiante, e ser também aliados da verdade. Contribuindo nossa ajuda prática com aqueles que levam adiante a vasta obra da Igreja, sem necessidade de abandonar nossos bancos ou nossos escritórios ou nossas oficinas ou nossa fábrica ou nosso povo; deste modo podemos ainda nos transformar em aliados da verdade. Devemos lembrar que toda entrega a semelhante causa deve ser não uma obrigação mas um privilégio; não um dever mas uma alegria. A Igreja necessita daqueles que queiram sair para difundir a verdade; mas também necessita daqueles que, ainda que devam permanecer em suas casas, sejam aliados da verdade.

A APELAÇÃO DO AMOR

3 João 9-15

Chegamos aqui ao motivo pelo qual foi escrita esta Carta. E apresenta a dois dos principais personagens da situação exposta.

Um deles é Diótrefes. Já na introdução expusemos a situação em que tanto Diótrefes como João e Demétrio estão envoltos. Na Igreja primitiva havia um duplo ministério. Havia os apóstolos e os profetas. Seu raio de ação não estava restringido a nenhuma Igreja em particular. A autoridade dos apóstolos e de seus colegas de trabalho abrangia toda a Igreja; e os profetas iam de congregação em congregação pregando a palavra que Deus lhes tinha inspirado. Por outro lado, havia os anciãos, que eram os ministros estabelecidos permanentemente nas congregações locais; eles eram, sem dúvida alguma, a coluna vertebral das Igrejas locais.

Nos primeiros tempos, esta pluralidade de ministérios não causou nenhum inconveniente, visto que as congregações locais eram muito recentes e ainda não tinham aprendido a andar sozinhas e administrar seus próprios assuntos. Mas com o transcurso do tempo, começaram a

surgir tensões entre estes dois tipos de ministério. À medida que as Igrejas locais cresciam e se faziam conscientes de sua própria identidade, inevitavelmente se mostravam cada vez menos dispostos a depender de uma administração remota, e das constantes invasões de itinerantes estranhos. Preferiram dirigir seus próprios assuntos e evitar daí em diante a incômoda interferência de desconhecidos itinerantes que freqüentemente perturbavam e alvoroçavam as congregações.

O problema se mantém, até certo ponto, em nosso tempo: ainda ficam evangelistas que dispõem de uma mentalidade, uma teologia e tarefas e métodos de trabalho que são muito diferentes dos de qualquer congregação local. Nas igrejas jovens discute-se ainda a questão de quanto tempo mais os missionários seguirão administrando e dirigindo, e de se não chegou o momento de que as Igrejas nativas administrem seus próprios assuntos e se governem sozinhas.

Nesta Carta, Diótfefes representa a congregação local. Não quer aceitar a autoridade de João, o homem apostólico. Tampouco quer receber aos missionários itinerantes. Está tão convencido de que a Igreja local deve dirigir seus próprios assuntos, que até expulsaria aqueles que aceitassem a autoridade de João e recebessem os missionários e mestres itinerantes. Não sabemos quem era Diótfefes realmente. Com certeza não era um bispo no sentido moderno da palavra. Pôde ter sido um ancião de temperamento muito forte, ou talvez um agressivo membro da congregação, que se levava tudo pela frente, pela própria força de sua personalidade. Certamente nos mostrado como senhor de uma personalidade extremamente forte e dominante.

O outro é Demétrio. É muito provável que fosse o líder dos pregadores itinerantes, e quase com segurança o portador da Carta. João se separa de seu tema para dar testemunho do caráter e a capacidade de Demétrio, e bem pôde ocorrer que esta atitude predispusse Diótfefes a resisti-lo.

Demétrio não era um nome pouco freqüente. Fizeram-se esforços para identificá-lo com dois Demétrios do Novo Testamento. Foi

identificado com Demétrio, o ourives de Éfeso que encabeçou a oposição a Paulo (Atos 19:21ss.). Pode ter acontecido que depois disto, Demétrio se converteu ao cristianismo, e que sua anterior oposição tenha sido uma marca indelével contra ele. Também foi identificado com Demas (abreviatura de *Demétrio*), quem alguma vez foi um dos colaboradores de Paulo, e de quem se separou porque amava o mundo presente (Colossenses 4:14; Filemom 24; 2 Timóteo 4:10). Pode ter acontecido que Demas tivesse voltado para a fé, e que sua anterior deserção, nunca esquecida, se esgrimisse contra ele.

Aqui aparece João, cuja autoridade está sendo escarnejada, e Gaio, pessoa de ânimo encantador, mas muito provavelmente de personalidade não tão forte e agressiva como a de Diótrefes, a quem João procura alinhar consigo mesmo, visto que se fosse abandonado à sua própria iniciativa poderia sucumbir perante o violento Diótrefes.

Há também a nossa situação. Podemos simpatizar, em certo sentido, com Diótrefes. Podemos pensar acertadamente que ele procedeu de uma maneira que, mais cedo ou mais tarde seria imitada. Mas ainda com todo o impulso de seu caráter, Diótrefes carecia de uma virtude: faltava-lhe caridade.

Como C. H. Dodd assinalou: "Não há uma autêntica experiência religiosa que não se expresse em caridade". E foi por isso mesmo, que, apesar de sua capacidade de líder e autoridade, Diótrefes não era realmente cristão, como o viu acertadamente João.

O autêntico líder cristão deve lembrar sempre que a autoridade e a bondade devem andar juntas, que jamais deve abrir espaço às demandas da ambição pessoal, que a liderança e o amor devem ir de mãos dadas. Diótrefes fez o que fazem muitos outros ministros da Igreja: pôde ter sido muito correto, mas tomou o caminho equivocadamente para chegar a um bom fim, pois nenhuma soma de fortaleza mental pode substituir o amor.

Não podemos saber quais foram os resultados de tudo isto. Mas João termina sua Carta em amor. Logo irá e falará com eles e sua

presença conseguirá o que nenhuma carta pode conseguir. No momento lhes envia suas saudações e sua bênção. E podemos pensar com otimismo que sua expressão: "A paz seja contigo", realmente tenha levado paz àquela Igreja perturbada à qual escreve o Ancião.